

O ESPAÇO DOMÉSTICO COMO ARENA POLÍTICO-PEDAGÓGICA: UMA AUTOINTERVENÇÃO CRÍTICA SOBRE O FLUXO DE EMBALAGENS PLÁSTICAS

THE DOMESTIC SPACE AS A POLITICAL-PEDAGOGICAL ARENA: A CRITICAL AUTO-INTERVENTION ON THE FLOW OF PLASTIC PACKAGING

MILENA MARQUES SOARES FARIAS¹

– Professora, EMEF Abdias Aires de
Queiroz. E-mail: milenadani2@gmail.com.

MARILENA MARQUES SOARES
FARIAS – Graduada em Biologia. E-mail:
marimarquesfarias@gmail.com.

Resumo: Este artigo analisa, sob o referencial da Educação Ambiental Crítica, uma autointervenção de três meses no cotidiano de uma residência urbana, voltada para a ruptura com o fluxo de embalagens plásticas descartáveis, óleo de fritura e recipientes de isopor. A metodologia consiste em um relato de experiência de abordagem qualitativa estruturado em três fases de transição de hábitos (adaptação, substituição ativa e consolidação), com registros diários em diário de campo e análise comparativa visual de registros fotográficos do compartimento de armazenamento doméstico. Os resultados demonstram redução progressiva da entrada de sacolas plásticas ao longo das semanas de adaptação, a incorporação de saquinhos reutilizáveis de tecido na paisagem de hortifrúti na fase de substituição ativa, e, ao final do percurso, a análise comparativa visual do compartimento de sacolas revelou o banimento quase total do plástico de uso único e a predominância de materiais biodegradáveis (papel/papelão). Discute-se, a partir das falhas pontuais ocorridas no percurso e do desafio explicitado de integrar o núcleo familiar, que a transição de hábitos ecológicos no lar constitui um processo dialético e conflituoso, e não um ato puramente voluntarista ou monológico. Conclui-se que o lar funciona como uma arena político-pedagógica de resistência contra o consumismo individualista, exigindo que a conscientização microsocial se articule à luta por transformações estruturais coletivas.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Hábitos cotidianos. Resíduos sólidos. Dinâmica familiar.

Abstract: This article analyzes, from the perspective of Critical Environmental Education, a three-month auto-intervention in the routine of an urban household, aimed at breaking the flow of disposable plastic packaging, frying oil, and styrofoam containers. The methodology consists of a qualitative experience report structured into three phases of habit transition (adaptation, active replacement, and consolidation), with daily field diary records and comparative visual analysis of photographic records of the domestic storage compartment. Results show a progressive reduction in the entry of plastic bags throughout the adaptation weeks, the incorporation of reusable fabric bags for fruit and vegetable weighing in the active replacement phase, and, by the end of the process, the comparative visual analysis of the storage compartment showed the nearly complete banishment of single-use plastics and the predominance of biodegradable materials (paper/cardboard). Based on non-linear failures in the journey and the explicit challenge of integrating the family unit, it is discussed that the ecological transition in the home is a dialectical and conflicting process, rather than a purely voluntary or monological act. It is concluded that the household operates as a political-pedagogical arena of resistance against individualistic consumerism, requiring that micro-social awareness be linked to the struggle for collective structural changes.

Keywords: Sustainability. Everyday habits. Solid waste. Family dynamics.

1 INTRODUÇÃO

As políticas públicas e as campanhas corporativas contemporâneas voltadas para a sustentabilidade costumam transferir de forma unívoca a responsabilidade pela mitigação da crise ecológica global para as escolhas privadas do consumidor. Sob o manto da ideologia do "capitalismo verde", a separação pontual do

lixo e a substituição voluntária de materiais descartáveis são apresentadas como soluções suficientes, reduzindo a complexidade estrutural das contradições socioambientais a um mero conjunto de tarefas comportamentais individuais e despolitizadas. Essa visão instrumental e comportamentalista desonera as corporações produtoras, culpabiliza o indivíduo e oculta as relações socioeconômicas e de exploração que engendram a degradação da biosfera.

Em contraposição epistemológica a esse reducionismo liberal, a Educação Ambiental Crítica propõe uma leitura dialética das relações entre a sociedade humana e o meio biofísico. Nesse sentido, os problemas socioambientais locais deixam de ser simples disfunções operacionais a serem contornadas por soluções meramente técnicas, constituindo potentes temas geradores capazes de desvelar e problematizar as contradições intrínsecas ao modelo civilizatório hegemônico, como argumenta Layrargues (1999). A atividade socioeducativa sob esse viés deve visar à emancipação política e à autonomia intelectual do sujeito, permitindo-lhe conceber a si mesmo como agente social cuja práxis cotidiana está inserida em uma macroestrutura de tensões econômicas, de acordo com as reflexões de Nogueira (2023). Por conseguinte, a perspectiva freireana de Educação Ambiental Crítica, defendida por Martínez-Pérez e Moreno-Sierra (2022), resgata o diálogo

reflexivo e a investigação problematizadora como caminhos pedagógicos insubstituíveis para transpor a mera constatação ingênua dos problemas e alcançar uma tomada de consciência transformadora do entorno.

O lar e a rotina doméstica, frequentemente relegados pela literatura econômica a meros espaços de consumo passivo, convertem-se nessa abordagem em uma arena político-pedagógica de resistência e atrito. Trata-se do microespaço material onde as dinâmicas globais de circulação de mercadorias e de resíduos entram em contato imediato com a subjetividade e os hábitos consolidados dos indivíduos. A tentativa de interferir deliberadamente sobre essas rotinas familiares --- como a interrupção no consumo de sacolas plásticas de uso único --- deixa de ser uma mera atividade ecológica e passa a ser compreendida como um ato de micro-resistência material e de fricção cultural face à inércia dos fluxos comerciais do cotidiano urbano.

Diante desse panorama crítico, este trabalho estabelece como objetivo central sistematizar e problematizar, por meio de um relato de experiência analítico-qualitativo, o percurso de uma autointervenção de três meses focada na tentativa de ruptura com o fluxo de embalagens plásticas descartáveis, óleo de cozinha usado e recipientes de isopor no cotidiano de uma residência urbana. Busca-se investigar os conflitos, as contradições e os

limites de infraestrutura que condicionam e limitam a eficácia das ações ambientais individuais, demonstrando que a transição ecológica no espaço doméstico exige a constante articulação dialética entre as transformações microambientais e a luta por reformas macroestruturais.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

2.1 Desenho qualitativo e referencial crítico

A presente pesquisa caracteriza-se metodologicamente como um relato de experiência crítico de caráter qualitativo e reflexivo. A escolha pela autointervenção crítica no cotidiano fundamenta-se na concepção de que o pesquisador não é um observador neutro ou externo da realidade socioambiental, mas sim um agente ativo que experimenta e problematiza as contradições de suas próprias rotinas materiais. Dessa forma, a investigação parte da premissa de que a rotina do lar constitui um espaço heurístico privilegiado para desvelar a inércia dos hábitos de consumo contemporâneos e os limites impostos pela organização urbana neoliberal à transição sustentável.

A vivência aqui sistematizada tem origem na condição de aluna especial na disciplina de Tópicos em Educação Ambiental, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), cujo desafio proposto motivou o desenho da autointervenção

relatada. Foi a partir do ingresso nessa disciplina, na condição de aluna especial, que passei a registrar sistematicamente, em diário próprio, as ações cotidianas de redução do consumo de sacolas plásticas, óleo de fritura e isopor que fundamentam os dados apresentados neste trabalho.

2.2 Desenho do plano de autointervenção

O plano de intervenção estendeu-se por um período contínuo de três meses (maio, junho e julho de 2026), estruturando-se em três fases distintas baseadas na teoria de transição de hábitos: (a) fase de adaptação, correspondente ao primeiro mês, em que o foco concentrou-se na inserção voluntária de sacolas de tecido (ecobags) e no mapeamento preliminar das resistências habituais; (b) fase de substituição ativa, correspondente ao segundo mês, na qual buscou-se a eliminação sistemática de saquinhos plásticos de pesagem no hortifrúti por meio do uso de saquinhos reutilizáveis de pano e redinhas próprias; e (c) fase de consolidação das condutas, desenvolvida no terceiro mês, caracterizada pelo banimento estrito de plásticos descartáveis de supermercado, pela destinação sistemática do óleo de fritura para postos de coleta e pela recusa ativa de embalagens de isopor. As marcas temporais das fases seguiram o cronograma real documentado no plano semanal de atividades da pesquisadora.

Para o registro e acompanhamento

sistemático da rotina, utilizou-se um diário de campo qualitativo, preenchido diariamente com anotações reflexivas sobre a realização das metas, as falhas de percurso, os motivos do uso eventual de plásticos e a organização doméstica necessária. Adicionalmente, realizaram-se registros fotográficos do compartimento de armazenamento temporário de sacolas da residência em dois marcos temporais significativos: no primeiro dia do experimento (dia de partida) e no nonagésimo dia (dia de encerramento), viabilizando uma análise comparativa visual direta sobre o fluxo físico de resíduos sólidos domésticos.

Por fim, o plano de intervenção incorporou práticas complementares fora do ambiente doméstico propriamente dito, como o reaproveitamento tático de sacolas de nylon e poliéster oriundas de competições de corrida de rua em atividades rotineiras de transporte, bem como o zelo em não gerar novos resíduos de copos plásticos e garrafas em espaços públicos urbanos no decorrer das práticas esportivas cotidianas da pesquisadora. Os dados coletados e qualitativos foram organizados em matrizes de acompanhamento semanal e analisados à luz das principais correntes e autores da Educação Ambiental Crítica, construindo uma interpretação dialética que procura transpor os limites do consumo individual em direção à conscientização coletiva.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Dialética do hábito: ritmos de ruptura e inércia do consumo automatizado

A análise sistemática do diário de campo demonstrou de maneira incontestável que a reconfiguração dos hábitos de consumo não ocorre por meio de saltos súbitos ou voluntarismo retórico, mas sim a partir de um processo dialético marcado por tensões, retrocessos temporários e ajustes contínuos de rotina. Nas primeiras semanas, correspondentes à fase de adaptação (Mês 1), a rotina do lar evidenciou o peso da inércia social do descarte de materiais. Na Semana 1, embora houvesse o empenho em utilizar ecobags nas compras planejadas, registrou-se a entrada acumulada de 13 sacolas plásticas descartáveis indevidas na residência, decorrentes de aquisições fracionadas no comércio local.

Esse conflito de hábitos intensificou-se na Semana 2, cuja meta explícita era manter 100% de recusa em compras rápidas. Os dados coletados revelaram a entrada de até 6 sacolas plásticas descartáveis indevidas em um único dia (como ocorreu na quarta-feira e no sábado), totalizando o preocupante volume de 20 sacolas plásticas descartáveis indevidas naquela semana de monitoramento. A análise qualitativa dessas falhas indica que elas ocorreram de forma unívoca em momentos de compras inopinadas ou emergenciais no final da tarde, ocasiões em que a pesquisadora não dispunha de alternativas reutilizáveis em mãos

e nas quais o comércio operava com a distribuição automática de embalagens plásticas. Esse fenômeno revela o que Nogueira (2023) analisa como a força estrutural dos automatismos de mercado, que criam infraestruturas de conveniência que sequestram a atenção e sabotam a vigilância e a memória ativa do consumidor individual, tornando a mudança comportamental um exercício permanente de fricção contra a inércia urbana.

À medida que o plano avançou para a fase de substituição ativa (Mês 2), observou-se um salto qualitativo nas práticas ecológicas do lar através da expansão do monitoramento para além das compras de balcão. Na Semana 6, cuja meta era atingir taxa zero de saquinhos plásticos na pesagem e transporte de frutas, legumes e verduras no hortifrúti, registrou-se o uso sistemático de saquinhos reutilizáveis próprios de tecido da pesquisadora, alcançando-se o uso de 9 unidades de tecido na sexta-feira, além de 3 unidades no sábado e 3 no domingo. Essa transição reduziu drasticamente o fluxo de microplásticos de pesagem, demonstrando que a superação definitiva dos resíduos descartáveis exige o planejamento prévio e a substituição integral de recipientes, consolidando o hábito como parte automática da organização pessoal cotidiana.

Por fim, na fase de consolidação desenvolvida no Mês 3 (Semanas 9, 10 e 12),

os registros demonstraram a maturação das novas condutas na rotina, atingindo-se taxa zero de entrada de sacolas plásticas nos dias monitorados, juntamente com o armazenamento e destinação adequados do óleo de cozinha usado para reciclagem, e a recusa sistemática de recipientes de isopor. Essa consolidação empírica demonstra o potencial pedagógico da autointervenção, que deixa de ser um esforço cansativo de memória e passa a operar como uma conduta orgânica estruturada do sujeito.

3.2 A materialidade do espaço:

comparação visual do descarte residencial

Com o propósito de conferir materialidade empírica e demonstrar o impacto do plano de ação sobre a realidade material do lar, utilizou-se a técnica de arqueologia visual, comparando-se de forma crítica dois registros fotográficos que capturaram o estado do compartimento de armazenamento de sacolas da residência (Figuras 1 e 2). Tal compartimento, historicamente destinado à acumulação desordenada de plásticos para posterior reutilização como sacos de lixo ou descarte final, operou como um termômetro tridimensional das mudanças de comportamento adotadas na rotina familiar.

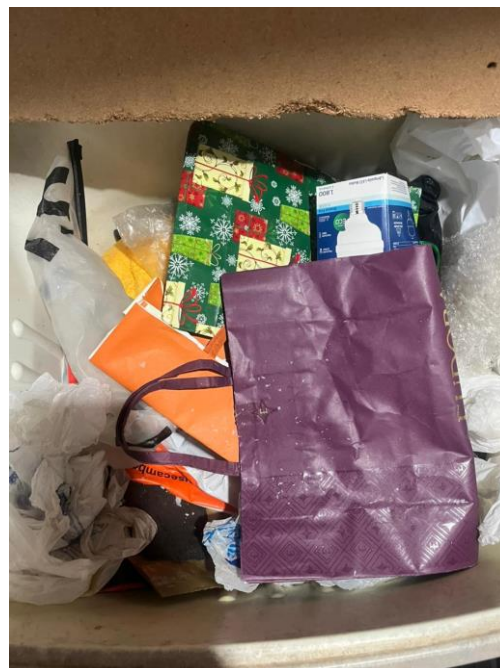
Figura 1 – Compartimento de sacolas no início do percurso



Fonte: Elaborada pela autora (2026).

Na Figura 1, registrada no primeiro dia de intervenção, observa-se um espaço caracterizado pelo excesso material e pela desorganização, com grande densidade de sacolas plásticas descartáveis de supermercado de cores diversas, muitas delas amassadas, tensionadas e em estado visível de ressecamento físico e deterioração material. Essa imagem reflete a herança física de uma rotina de consumo alienada e acrítica de resíduos plásticos antes do início do desafio socioambiental.

Figura 2 – Compartimento de sacolas ao final do percurso



Fonte: Elaborada pela autora (2026).

Em contraposição direta, a Figura 2, registrada ao final dos três meses, evidencia uma transformação espacial e de consumo profunda na organização doméstica. Observa-se a eliminação quase absoluta de plásticos descartáveis de uso único e a predominância de embalagens, sacolas e caixas biodegradáveis feitas de papel ou papelão, provenientes de embrulhos de presentes ou compras pontuais, sem indícios de plásticos ressecados, o que indica a interrupção real e sistemática da entrada de novos polímeros de uso único no lar urbano.

Essa alteração empírica dialoga com as ricas proposições de Sauv  (2005), para quem a Educação Ambiental representa uma rede dinâmica de relações entre o ser humano, o coletivo social e o meio biofísico. A alteração material do compartimento doméstico não constitui o mero produto de uma adesão

passiva a discursos ecológicos hegemônicos, mas reflete o momento em que a práxis pedagógica crítica se inscreve e se materializa na organização espacial e de consumo do sujeito, transformando o espaço de convivência cotidiana em um laboratório permanente de problematização.

3.3 Micro-resistências urbanas e o conflito dialógico familiar

As ações ecológicas extrapolaram as fronteiras estritas do domicílio, inserindo-se na apropriação crítica e no reaproveitamento de resíduos urbanos comuns. Um exemplo fértil dessa prática foi o reaproveitamento de sacolas de nylon e poliéster, oriundas de competições de corrida de rua em que a pesquisadora participou de forma ativa. Esses materiais sintéticos, frequentemente estocados de modo ocioso nas residências de atletas urbanos, foram ressignificados como resistentes sacolas de transporte diário em atividades de lazer e trabalho, estendendo seu ciclo de vida material e evitando a necessidade de aquisição de novas sacolas comerciais. Ademais, na rotina dessas competições de corrida de rua, adotou-se a postura rigorosa de não descartar copos plásticos e resíduos em vias públicas ou parques, depositando-os exclusivamente em lixeiras públicas e postos de triagem seletiva, disseminando a ética ecológica no meio urbano coletivo.

Entretanto, a transição sustentável não

se deu de forma totalmente linear ou isenta de fricções sociais. Na fase de consolidação (Mês 3), os dados coletados revelaram colapsos pontuais da nova rotina que merecem análise sob uma ótica não romantizada da Educação Ambiental. Na Semana 11, registraram-se no diário de campo a entrada de 2 sacolas plásticas descartáveis e de 1 recipiente de isopor em uma segunda-feira de compras emergenciais de mantimentos, além de outra embalagem de isopor registrada no domingo. Esses registros numéricos desvelam a complexidade das mudanças comportamentais no cotidiano, as quais estão constantemente expostas a imprevistos urbanos e a limites concretos de acessibilidade material e tempo de deslocamento.

O limite mais marcante e significativo da autointervenção, contudo, residiu no desafio humano e social de envolver o núcleo doméstico. Na reflexão final do plano de ação de 3 meses, ao ser indagada sobre a maior dificuldade experimentada no processo, a pesquisadora registrou expressamente: "colocar a família pra desenvolver comigo tais atividades". Sob o crivo teórico da Educação Ambiental Crítica de Tozoni-Reis (2008), essa constatação empírica é de extrema relevância, pois evidencia que o lar não constitui um vácuo social de decisões estritamente individuais de um único sujeito. As práticas cotidianas de consumo, descarte de óleo e isopor são moldadas pelas relações de poder, convivência

e negociação no microespaço doméstico. Quando a iniciativa ecológica permanece restrita a um único indivíduo, a transição esbarra na incompreensão ou na resistência das dinâmicas familiares existentes. Assim, em consonância com Campelo Junior e Wiziack (2023), assevera-se que a atividade socioambiental deve superar o horizonte das intervenções puramente individuais ou pontuais. A verdadeira práxis ecológica no lar exige uma abordagem dialógica freireana, que converta o esforço pessoal e a mudança de hábitos domésticos em sementes de debate, sensibilização comunitária e organização coletiva dentro e fora do microespaço familiar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sistematização qualitativa e crítica desta autointervenção de três meses no cotidiano doméstico permitiu desvelar que o lar constitui uma verdadeira arena político-pedagógica de lutas materiais e fricções culturais contra o consumo automatizado contemporâneo. A análise das evidências fotográficas e dos dados diários do diário de campo revelou uma transformação nítida no fluxo de resíduos residenciais, consolidando novos hábitos de reaproveitamento e destinação correta de óleo de cozinha, isopor e sacolas plásticas descartáveis de supermercado.

Todavia, as principais contribuições desta pesquisa-ação não residem na mera contabilidade de materiais mitigados, mas na tomada de consciência provocada ao se

analisar criticamente as falhas de percurso e as resistências humanas do processo. A revelação de que o maior desafio reside na integração comunitária do próprio lar ("colocar a família para desenvolver comigo tais atividades") desmistifica a narrativa neoliberal e individualista da sustentabilidade verde, que insiste em transferir a culpa e a responsabilidade da crise climática ao sujeito atomizado e desprovido de apoio coletivo.

O presente relato reafirma que a transformação de hábitos cotidianos no espaço doméstico, sob o prisma da Educação Ambiental Crítica, só ganha sentido pleno quando compreendida como um ato pedagógico disparador de consciência. Este ato deve transpor o voluntarismo privado e se articular dialeticamente à tomada de consciência social, à organização dialógica no lar e à mobilização política por transformações estruturais de produção e descarte na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

CAMPELO JUNIOR, Marcos Vinicius; WIZIACK, Suzete Rosana de Castro. Educação ambiental e o movimento ambientalista: marcos históricos no Brasil. *Revista de História da UEG*, v. 12, n. 2, e-222309, 2023. DOI: 10.31668/revistaueg.v12i2.13895.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema-gerador ou a atividade-fim da educação ambiental? In: REIGOTA, Marcos (org.). *Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 131-148.

MARTÍNEZ-PÉREZ, Leonardo Fabio;
MORENO-SIERRA, Diana Fabiola.
Educación ambiental crítica freireana: análisis
de corrientes y aportes para la formación de
profesores. *Tecné, Episteme y Didaxis: TED*, n.
52, p. 47-64, 2022. DOI: 10.17227/ted.num52-
16501.

NOGUEIRA, Christiano. Contribuições para
a Educação Ambiental Crítica. *Revista Brasileira
de Educação Ambiental (RevBEA)*, v. 18, n. 3, p.
156-171, 2023. DOI:
10.34024/revbea.2023.v18.14160.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes
em educação ambiental. In: SATO, Michele;
CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (org.).
Educação ambiental: pesquisa e desafios. Porto
Alegre: Artmed, 2005. p. 17-44.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos.
Pesquisa-ação em Educação Ambiental.
Pesquisa em Educação Ambiental, v. 3, n. 1, p. 155-
169, 2008. DOI: 10.11606/issn.2177-
580X.v3i1p155-169.